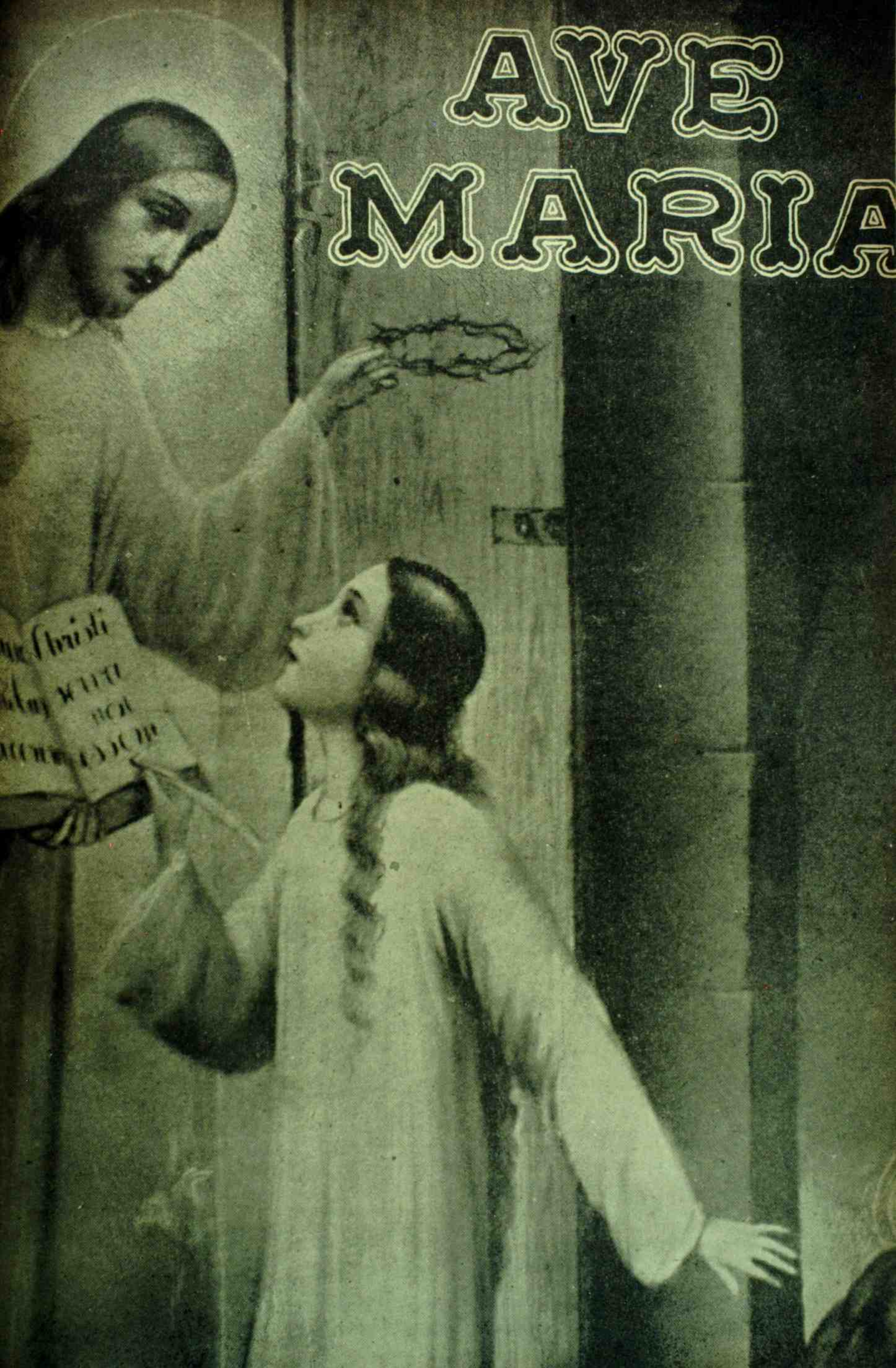


AVE MARIAM





Lições Evangelicas

III DOMINGA DO ADVENTO

Foi este o testemunho que João deu, quando os judeus lhe enviaram sacerdotes e levitas de Jerusalém: "Quem és tu?" Confessou e não negou, declarando: "Eu não sou o Cristo." Perguntaram-lhe eles: "Quem és, pois? És Elias?" "Não o sou", respondeu. "És o profeta?" "Não", replicou êle. Responderam êles: "Quem és, pois? Para podermos dar resposta aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo?" Tornou êle: "Eu sou a voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, conforme disse o profeta Isaias." Ora, os embaixadores eram fariseus. E continuaram a interrogá-lo: "Por que batizas, pois, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?" Respondeu-lhes João: "Eu batizo com água; mas no meio de vós está quem vós não conheceis: aquele que virá depois de mim e era antes de mim e a quem eu não sou digno de desatar as correias do calçado." Deu-se isto em Betânia, para além do Jordão, onde João batizava."

Assim como depois da escuridão caliginosa da noite surge a aurora esperançosa e alviçareira, prognosticando a próxima chegada do astro rei que nos trará a sua luz benéfica e o seu calor salutífero, assim também depois da noite das trevas espessas que envolviam o mundo antes da aparição de Cristo, sol das almas, apareceu a alva do seu precursor, João Batista, para nos anunciar a sua vinda e a sua morada entre os homens. De alta estatura; espáduas possantes; tez morena, tostada pelo sol; vasta e enegrejante cabeleira, que lhe caía pelo colo; barba espessa, que escondia dois olhos vivos e cintilantes; uma pele de camêlo cobrindo-lhe o corpo, das espáduas aos joelhos, e seguro por uma tira de couro em volta dos rins — eis aí o Batista! A sua face estava escavada pelos continuos e intermitentes jejuns. A sua voz cava e soturna bradava pelos vales e outeiros: "O machado está à raiz da árvore! Ai do homem que não se converter dos seus caminhos pecaminosos e produzir dignos frutos de penitência! Será cortado e lançado ao fogo! Preparai os caminhos do Senhor! Chegou o Messias, o Cristo prometido ha séculos!" Já ha quatrocentos anos que enviado algum de Javé aparecia para dar novas sobre o Messias, agora aparece este penitente austero e rígido, em cuja santidade não podia deixar de acreditar o povo. E das ribanceiras do Jordão a fama do Batista passava às cidades mais próximas, chegava a Jerusalém, enfim, emocionava toda a Palestina, até mesmo causar graves inquietações ao "grande conselho" que velava pela fiel observância das leis religiosas em Jerusalém e em toda a Judéia, o "Sinédrio".

Numa das suas sessões magnas, determinaram os membros do "grande conselho" man-

dar uma embaixada ao célebre inovador para saber com toda a certeza sua procedência. Deveria desaparecer toda a dúvida e esclarecer-se o caso, pois Jerusalem em pêsso, e não só Jerusalem mas ainda tôdas as regiões das bandas do Jordão e ainda toda a Judéia acorriam a João para o batismo e para ouvir sua palavra de fogo sobre a penitência. E a multidão estava empolgada com o Batista. Já ha tantos anos que Javé não visitava o seu povo com um profeta!... Mesmo os membros do Sinédrio, pela sua instrução dos Livros Sagrados, já andavam desconfiando da proximidade dos tempos do Messias e sabiam também que ao Messias haveria de anteceder o seu precursor, pois os profetas dizem claramente, assim Malaquias: "Eis que enviarei o meu Anjo e êle preparará o caminho antes da minha chegada." (Mal., III, 1.) "Eis que vos mandarei ao profeta Elias antes que venha o dia do Senhor." (Mal., IV, 5.) E Isaias: "Voz do que clama no deserto, preparai o caminho do Senhor, tornai retas as suas veredas." (Is., XL, 3.) Estavam verdadeiramente na alvorada da era messiânica e ao surgir daquele penitente severo todos a êle acorriam, uns acreditando que era êle o profeta Elias, outros que era o mesmo Messias. A caravana dos embaixadores do Sinédrio no entanto já se formara e demandava a margem direita do Jordão, em breve atinge o vale de Jericó, alcança Gilgal e um pouco antes de chegar ao lugar onde prégava o Batista, depara êla com uma multidão de tendas espalhadas por aqui e acolá, e um formigueiro de gente que estava a ouvir as palavras do Batista. Grave e com tôdas as formalidades de embaixadores do Sinédrio, apresenta-se ela ao famigerado taumaturgo e o seu chefe, em nome de todos, interroga-o: "Quem és tu?" Acaso já é chegado o tempo do Messias? Talvez o sejas tu?" E tornou-lhe João: "Não sou o Cristo." "Acaso és o Elias predito por Malaquias?" "Não sou", respondeu-lhe. "Então és algum profeta?" "Não", retrucou-lhe ainda João.

As respostas do Batista são claras e categóricas, e cada vez mais concisas: "Não sou o Cristo." "Não sou." E por fim termina num solene e determinante "Não"! Mas instaram de novo os da embaixada: "Dize-nos quem és, para que possamos dar resposta àqueles que nos enviaram. E diz-lhes o Batista: "Eu sou a voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, segundo disse Isaias". Mas então lhe replicaram: "Por que é que andas batizando se não és nem o Cristo, nem o Elias, nem o profeta?" E João ainda lhes responde: "Eu batizo com água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis: aquele que virá depois de mim e era antes de mim e a quem eu não sou digno de desatar as correias do calçado."

AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATÓLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua . . . Cr. \$150,00

Ano Cr. \$ 10,00

Número avulso Cr. \$ 0,50

(Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699

Fone: 5-1304 - Caixa, 615

OFICINAS: Rua Martim

Francisco, 646-656

Os temores do moribundo e a verdadeira caridade



GOZAVA no trono de Judá o rei Ezequias os invejados esplendores da realeza, embora sem as pungentes e secretas dôres do remorso, pois era, como o patriarca Jó, um varão justo a-pesar dos graves deveres da governança de um reino, quando foi obrigado, por grave doença, à quietação do leito sem contudo perder a esperança da vida, ainda no verdor dos anos, quando recebe a mensagem do supremo Senhor por meio do profeta Isaias que lhe diz: Dispõe da tua casa, porque tu morrerás e já não viverás.

Repassando a sua vida, imune dos pecados dos reis e das inobservâncias da lei comum aos judeus, sentiu profundamente o seu acelerado destino, suplicou a Deus misericórdia e pôz-se a chorar com grande pranto.

O rei Ezequias, como todos os homens, justos ou pecadores, deveria deixar um dia os gozos da vida terrena, as ternuras da família afetuosa, a possessão de avultadas riquezas, a estimação dos conhecidos, e como rei não mais receberia da altura do seu trono de ouro os preitos de homenagem dos filhos de Judá e de Benjamim.

Eis a sorte fixa de todos os os mortais sem que ninguém possa evadir-se,

qualquer que seja a sua situação desde o pobre e humilde que geme e curte dôres na enxerga da sua cabana até ao rico fastuoso e até ao soberbo de ambos mundos, em cujos domínios nunca o sol esconde os raios esplendentes da sua coroa e carro triunfal.

Deixar para sempre a vida próspera, amável e esperançosa, os jardins sorridentes de flores, os campos ubertosos prometendo farturas, os palácios ornados na frente de clássicas molduras e repletos de galerias artísticas com tapizes e pinturas que recreavam a vista na delícia dos banquetes!

O mau rico que se regalava diariamente na mesa farta de manjares e de vinhos, e se apresentava aos amigos enfeitado de brilhante vestidura, baqueou um dia no leito, despediu-se ansiosamente dos esplendores de sua casa, e por não ter pensado nos azares da morte, por não se ter preparado ao supremo transe com o arrependimento e com a reparação das possíveis injustiças, morreu desapoiado da graça divina, e foi sepultado nos jazigos infernais onde o homem não morre, mas é continuamente torturado pelos vermes do remorso e pelo fogo que não se extingue.

Tal será a visão do próximo futuro e

as terríveis apreensões de quem chegou ao momento fatal e não se preparou nem se decide a preparar-se, como cristão, para a hora suprema, porque as paixões, os maus hábitos, o respeito humano, o rubor excessivo dos próprios pecados dificultam a reconciliação com Jesúo Cristo, seu Redentor amoroso, mas também Juiz inapelável da sua vida, pejada de iniquidades pelas quais será condenado, se não houver antes da morte a verdadeira e legítima penitência.

Miserável é a situação do moribundo, desconfiado de si mesmo pelas acusações da consciência, e por isso é necessário o concurso eficaz da caridade cristã. Os parentes e amigos poderão e deverão ajudá-lo, não com fingidas esperanças de uma hipotética recuperação da saúde, mas com o conselho carinhoso e que recorde a situação extrema e perigosa em que se acha, procurando a todo transe os socorros da religião: o arrependimento sincero e a recepção dos sacramentos, procurando a presença oportuna do ministro da Igreja.

A presença do sacerdote! pois êle tem poderes de Jesúo Cristo para a remissão dos pecados, prévia a contrição e a confissão de todas as faltas graves de que o moribundo se recordar, e mesmo daquelas de que êle não ha memória e pelas quais sendo desconhecidas julgam às vezes os parentes por um amor excessivo que êle não tem nenhum pecado, e talvez com a pretensão imprudente e fatal de dispensar o auxílio do sacerdote.

E ainda que o doente se achasse em estado inconciente, é grave a obrigação de chamar o ministro de Deus para administrar o sacramento da extrema unção com que nessa situação se perdoam os pecados que então não é possível revelar ao confessor e se lhe dá também uma absolvição condicional.

Grande é o número, centenas de milhares de homens que talvez morrem por todo o mundo num só dia! e por todos êsses agonizantes havemos de pedir a Deus que não lhes falte o auxílio divino para que não percam por sempre as suas almas; muitos são ignorantes; muitos mais, hereges ou pagãos; mas um lampejo da divina graça poderá ajudar no extremo instante os moribundos, especialmente aqueles que já conheceram a religião e tiveram algum desejo de abraçá-la, como fiéis de Cristo, como o teve, conseguindo

sua salvação no Calvário, o Bom Ladrão, que nunca conhecera a Jesúo.

Sejam, pois, nossas súplicas caridosas e instantes ao piedosíssimo Coração de Maria, para que o Sangue de seu Filho purifique as almas de todos os agonizantes.

P. Luis Salamero, C. M. F.



Muitos de nós temos a mesma fé, os mesmos princípios, as mesmas verdades, a mesma doutrina; mas a vida é muito diferente.

A religião nunca envelhece; conservará a Igreja todo seu vigor até o fim dos séculos; não se debilitaram as máximas de Jesúo Cristo.

Crer nas verdades de nossa religião e seguir unicamente os detestáveis costumes do mundo, é monstruosa quimera.

Empregos brilhantes, pretensões, ambição, avareza, amor aos prazeres, conveniências opulentas são o que dão impulso à maior parte das ações da vida, isto é, o que nos desvia de nosso último fim.

Tudo nos parece importante, tudo indispensável quando se trata de nossos interesses; mas nos entusiasmos do mesmo modo quando se trata dos deveres da religião, de agradar a Deus, ou desagradar-lhe?

Coisa estranha! Reflete-se tanto, praticam-se mil atenções com o mundo para fazer fortuna: só a Deus parece que se reputa por nada.

Sabemos bem qual foi o paradeiro da conduta dos santos; pois pensemos qual será o paradeiro da nossa.

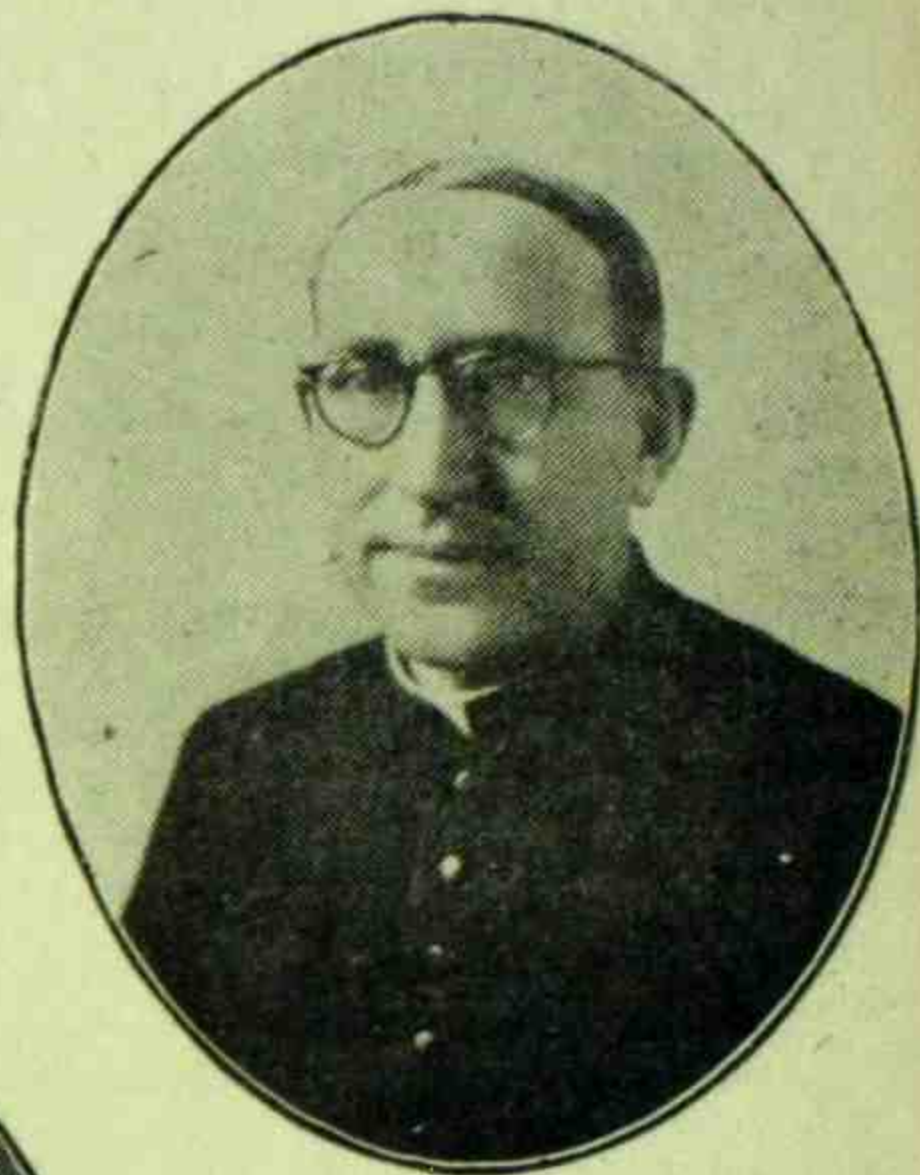
Ninguém ignora que nem o relaxamento nem o abuso poderão jamais contra a religião, que não envelhece, que é eterna e que perdurará a mesma depois que todos os de hoje tenhamos desaparecido da terra.

Govêrno Provincial dos Missionários do Coração de Maria
do Brasil

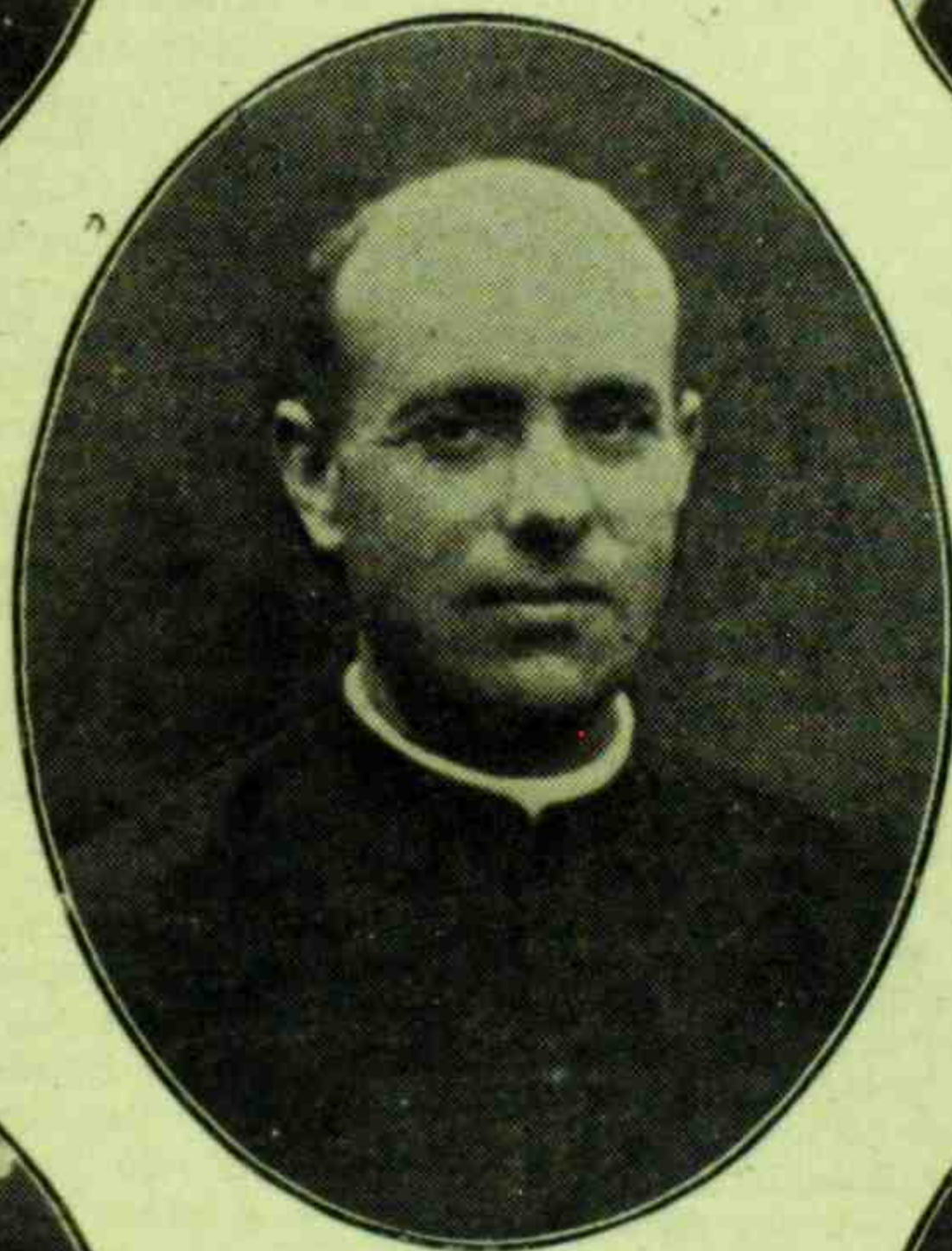
O NOVO GOVÊRNO
TOMOU POSSE DOS
SEUS CARGOS NO
DIA 10 DO COR-
RENTE MÊS.



R. P. ASTÉRIO PASCOAL,
C. M. F.
1.º Conselheiro Provincial



R. P. ANASTÁCIO VASQUEZ,
C. M. F.
2.º Conselheiro e Ministro
Provincial



M. R. P. RAIMUNDO
PUJOL, C. M. F.
Superior Provincial



R. P. MARIANO FRIAS, C. M. F.
3.º Conselheiro Provincial



R. P. VICENTE CONDE, C. M. F.
4.º Conselheiro Provincial

A Caridade de Pio XII

(Conclusão)

Sem o pretender, Pio XII dava ao mundo o seu auto-retrato: *Ó Caridade! Virgem de olhos de luz, Mãe de lábios de mel, irmã de mãos de bálsamo! Só ela faz esta terra habitável aos infelizes, aos órfãos, aos oprimidos, aos desalbergados! Ela revela ao homem a bondade íntima do seu coração, ela manifesta à terra a melhor imagem de Deus que é caridade por essência.*

CARIDADE EM AÇÃO

As citações que fomos respigando em homenagem a Pio XII, neste ano jubilar do seu Episcopado, bastariam para revelar-nos os finos quilates do seu coração, trono onde assenta a paz que ha de salvar o mundo, porque é feito de caridade.

As palavras do Santo Padre são apenas um revérbero da sua alma compassiva, um eco muito apagado da sua portentosa atividade em favor da paz. A vida de Pio XII pode chamar-se *"a caridade em ação"*. Deus prepara-o de longe para a missão providencial que deveria desempenhar na terra.

O futuro Papa aprendeu a conhecer as misérias que o monstro da guerra semeia por toda a parte, colaborando ativamente na providencial *"Organização Internacional de Socorro às vítimas da guerra"*, fundada por Bento XV, visitando os campos de concentração dos prisioneiros italianos e sentindo os horrores da revolução e os efeitos prolongados da guerra europeia quando Núncio em Munich.

Por isso apenas se desencadeou a nova tormenta de guerra atual, Pio XII, com o coração inflamado na caridade de Cristo, caridade alimentada numa vida de piedade intensa, envida todos os esforços para aliviar as misérias e dores que num pavoroso crescente alastram pela terra. Arrastada a Itália para o conflito, o Santo Padre, a-pesar da vida exaustiva de tantos meses e dos calores estivais de Roma, não quer abandonar o Vaticano e renuncia ao justo repouso de algumas semanas no pacífico remanso de Castelgandolfo. O *"Osservatore Romano"*, órgão officioso da Santa Sé, em seu número de 31 de Agosto de 1940, dava razão desta atitude do Vigário de Cristo:

... A este trabalho junta-se o que vai encaminhado especialmente a sanar os sofrimentos causados pelo grave conflito, quer obtendo notícias dos dispersos nos vários teatros de guerra, quer fazendo chegar socorros aos prisioneiros, aos prófugos e aos que vivem nas regiões mais castigadas. Para ninguém é segredo que a este propósito Sua Santidade segue pessoalmente e com zelo incansável cada uma das iniciativas que brotam daquele fervor de caridade que o seu coração de Pai alimenta e promove."

Se o teatro da guerra se alarga cada vez mais, também o coração terníssimo e desve-

lado de Pio XII se dilata sem esmorecimento nem medida.

O óbolo da caridade pontificia chega a toda a parte.

Receberam-no os finlandeses, os prófugos de Besarávia e Bucovina, os fugitivos franceses, belgas e holandeses, as populações esfomeadas da Grécia.

Que dizer, então, da nobre e martirizada Polônia, de tradições católicas tão arraigadas?

Repetidas vezes lá chegaram os subsídios enviados generosamente pelo Santo Padre, que em favor daqueles seus filhos tão necessitados renuncia ao *"Obólo de São Pedro"*.

O clero polaco, despojado de tudo, recebe do Papa breviários e livros, e é o mesmo Sumo Pontífice que manda para as igrejas o azeite e vinho necessários ao culto.

Os expatriados polacos, no seu martírio, nas privações sem nome e na tristeza do exílio, sentiram sempre e em toda a parte ao seu lado, palpitante de amor, o Coração de Pio XII, *"doce Cristo na terra"*.

Arquivemos estes dados que nos fornece *"Razón y Fé"*:

"Na Itália, a Nunciatura chegou a abrir uma oficina de socorro em que se distribuem subsídios para casa, viveres, remédios e outros gastos de primeira necessidade. Em vários Institutos religiosos foram colocadas senhoras e meninas por conta da Santa Sé; os jovens foram ajudados na continuação de seus estudos em colégios católicos; aos estudantes custearam-se-lhes os cursos universitários; conventos inteiros receberam subsídios para viver, e não poucas pessoas encontraram na caridade do Papa, modo de buscar clima e céu mais propício. Famílias houve às quais foi paga a viagem de avião até à América. Se deste modo se atendia ao material, quais não seriam os desvelos pela alma?"

"Chegou a editar-se um livro especial de devoção para uso dos polacos."

A solicitude paterna de Pio XII sente-se em toda a parte onde uma dor, uma tristeza, uma privação o reclamam. Ouçamos o *"Osservatore Romano"* de 12 de Março deste ano:

"Na França, Bélgica e Luxemburgo empreenderam-se benéficas iniciativas e foram enviadas aos Bispos somas consideráveis, para socorro dos pobres e reparação dos danos causados pelas operações bélicas. Também se mandaram subsídios extraordinários às missões, entre elas às da Escandinávia, bem como às populações eslovenas, croatas e sérvias; alimentos à Grécia e à Polônia e consideráveis subsídios aos polacos na França, Hungria, Suíça e outros lugares. Nas Nunciaturas funcionam oficinas especiais para consolação e ajuda dos prófugos e para auxiliá-los nas diligências necessárias com os consulados, embaixadores, etc."

Já é bem conhecida a caridade do Sumo Pontífice com os prisioneiros de guerra, visitando-os, consolando-os e ajudando-os material e espiritualmente por intermédio sobretudo dos seus representantes. As visitas destes aos campos de concentração e hospitais

de sangue são contínuas, e não raro acompanhadas de dádivas paternais. Ha casos delicadíssimos como éste: Tinham-se reunido numa casa vários oficiais superiores, prisioneiros. Para que tivessem alguma distração e alívio na saudosa festa do Natal, foi organizada uma rifa. Entre os prêmios chama a atenção de todos, pelo seu brilho, um magnífico relógio de ouro. Era a prenda que lhes enviara Pio XII. Todos os prisioneiros de guerra concentrados nos campos de Itália receberam no último Natal além de um presente do Santo Padre um cartão artistico de Boas Festas com estes dizeres: *"A Nossa lembrança paternal está junto de cada um de vós, que neste Natal de guerra sofreis especialmente o afastamento dos vossos lares e a ausência das pessoas queridas. Desejariamos que a voz da Nossa ansiosa e afetuosa felicitação dulcificasse as vossas amarguras e vos chegasse como penhor da consolação divina e da esperança cristã."*

A caridade sempre solícita e industriosa de Pio XII proporcionou a vários grupos de prisioneiros, concentrados na Palestina, o prazer de uma visita aos Lugares Santos.

Da caridade do Santo Padre brotou a já tão conhecida e célebre *"Oficina de Informação"*, que tem enxugado tantas lágrimas e consolado tantas mães, tantas espôsas, tantos filhos de prisioneiros e dispersos, levando-lhes notícias daqueles que julgavam talvez mortos ou desaparecidos para sempre.

Ocupa hoje com as suas várias repartições todo o palácio de São Carlos, na Cidade do Vaticano, sede outrora da Congregação para a Igreja Oriental, e tem a dirigi-la Mons. Evreinoff, célebre poliglota e Bispo de rito oriental em Roma. Por meio sobretudo da Radio Vaticano, o *"Oficina de Informação"* tem a Santa Sé em comunicação constante com o mundo todo. Para fazermos alguma idéia do valor desta iniciativa Pontifícia, basta dizer que as petições diárias de notícias teem passado de duas mil e quinhentas, e sobem já hoje muito além de um milhão. Andam por 200 os empregados na *"Oficina"*, todos pagos pela Santa Sé. O trabalho dos locutores é tal que por vezes teem ficado exaustos. Mas ninguém afrouxa nesta obra de caridade prática, pois todos sentem a palpitar nela e a dar-lhe impulso o coração amantíssimo de Pio XII.

CARIDADE UNIVERSAL

Vigário na terra, dAquele que ao mundo veio para a todos chamar, abraçar e salvar, o Santo Padre Pio XII a todos estende os seus braços e abre o seu coração. Ouçamo-lo: *"Amamos, e Deus o sabe, a todos os povos sem exceção e com igual afeto..."*

Pedindo para o mundo a paz, fala de uma paz universal, sem exclusões de povos ou de raças: *"Peçamos, diz, uma paz que seja para todos; não uma paz de opressão e destruição de povos, mas uma paz que, garantindo a honra de tódas as nações satisfaça as suas exigências vitais e os legítimos direitos de todos."*

Na sua mensagem do Natal de 1940 o Santo Padre abarcava no seu pensamento, como os levava no seu coração, todos os prisioneiros das

nações beligerantes e dirigia ao mundo estas palavras: *"Não quisemos que o santo dia de Natal amanhecesse para o mundo sem fazermos chegar, por meio dos Nossos Representantes, aos prisioneiros ingleses e franceses da Itália, alemães na Inglaterra, gregos na Albânia e italianos em diversas partes do Império britânico... alguma coisa que lhes mostrasse a Nossa lembrança, animando-os e abençoando-os..."*

Dentro desta universalidade no amor e solicitude do Vigário de Cristo para com todos, as criancinhas, os inocentes, os mais fracos, teem como outrora no Coração de Jesús, terna e justa predileção.

"Entre todos os que sofrem, escreve em carta ao Cardeal Secretário de Estado, distinguiamos as crianças... Treme-nos o coração ao recordar a desgraça destes ternos botões que, mal entrados na vida, se vêem tão depressa condenados a não saborear mais que amarguras... Nós os abraçamos e abençoamos com tanto maior afeto quanto mais impossível nos é ir-lhes em socorro." E o Santo Padre convida os pequeninos mais favorecidos da sorte e que podem gozar ainda das delicias da paz, a que peçam pelos seus irmãozinhos a braços com o sofrimento.

Não só os que militam no campo da verdadeira Igreja encontram abrigo no coração do Supremo Pastor do rebanho escolhido de Jesús. Os protestantes, os cismáticos, os infiéis, os próprios judeus sentem que não são estranhos à solicitude desvelada de Pio XII.

Quantas vezes os não teem surpreendido não só as palavras reconfortantes, mas as esmolas generosas do Papa?!

Os Bispos, os sacerdotes, os religiosos e religiosas, os fiéis perseguidos em mais de uma nação, despojados do que de direito lhes pertencia, sacudidos de terra para terra, levam consigo um grande conforto e estímulo a lutar por Cristo: a lembrança de que Pio XII os acompanha, orando por eles, sacrificando-se e sofrendo com eles.

"A visão de uma guerra tão terrível em todos os campos, suscita no Nosso ânimo de Pai comum e põe nos Nossos lábios uma palavra de consolação e de alento para os Pastores e para os fiéis das regiões onde a Igreja... especialmente sofre... o Papa conhece, sente e lamenta estes sacrifícios, estes sofrimentos e estes temores." Assim se exprimia Pio XII na mensagem pascal de 1941.

Esta caridade tão generosa e universal de Pio XII que o levou, na sua pobreza assistida pela generosidade dos seus filhos espalhados pelo mundo, a gastar em atos de beneficência muitos milhões de liras, consagrou já para sempre o nome imortal do Santo Padre, impondo-o ao amor, à veneração e ao reconhecimento até mesmo dos que militam fora dos arraiais católicos. Bendito seja Deus — o Deus que se define pela caridade — *"Deus caritas est"* — que desde a colina sagrada do Vaticano fala ao mundo desvairado palavras de caridade pela voz do seu Vigário na terra, e, prenúncio de melhores dias, manda aos homens a sua caridade, personificada em Pio XII. *Dominus conservet Eum et vivificet Eum* — O Senhor o conserve por dilatados anos!

M. N.

O católico em face do divórcio

Desfazendo os manejos dos semeadores do erro

(Conclusão)

A LEI DE DEUS

Contra tôdas estas insânias, porém, fica de pé, Veneráveis Irmãos, a lei de Deus amplissimamente confirmada por Cristo e que não pode ser abalada por nenhum decreto dos homens, opinião dos povos ou vontade dos legisladores: "Não separe o homem aquilo que Deus uniu." (S. Mat., XIX, 6.) Se o homem injuriosamente tenta separá-lo, o seu ato é completamente nulo; e com razão, porque, como já mais de uma vez vimos, o próprio Cristo afirmou: "Todo aquele que repudia a sua mulher e casa com outra é adúltero e quem casa com a repudiada é adúltero." (S. Luc., XVI, 18.)

Estas palavras de Cristo referem-se a qualquer matrimônio mesmo ao sómente natural legítimo: pois de fato é própria de todo o verdadeiro matrimônio aquela indissolubilidade, em virtude da qual êle fica subtraído completamente, quanto à dissolução do vínculo, ao arbítrio das partes e a todo o poder civil. Deve lembrar-se igualmente aqui o solene juízo com o qual o Concílio Tridentino feriu de anátema essas coisas: "Aquele que disser que o vínculo do matrimônio pode ser dissolvido pelo cônjuge por motivo de heresia, de molesta cohabitação ou de ausência simulada, seja anátema" (Conc. Trident. sess. XXIV, c. 5) "e se alguém afirmar que a Igreja erra quando ensinou e ensina que segundo a doutrina evangélica e apostólica, o vínculo do matrimônio não pode ser dissolvido pelo adultério dum dos cônjuges e que nenhum dos dois, nem mesmo o inocente que não deu motivo ao adultério, pode contrair outro matrimônio em vida do outro cônjuge, e que comete adultério tanto aquele que repudiada a adúltera, casa com outra, como aquela que, abandonado o marido, casa com outro, seja anátema." (Con. Trident., sess. XXIV, c. 7). Do fato de a Igreja não ter errado nem errar nesta doutrina, e por isso mesmo que é absolutamente certo que o vínculo do matrimônio não pode ser dissolvido nem mesmo pelo adultério, segue-se com evidência que muito menos valor têm todas as outras razões, aliás mais fracas, que costumam apresentar-se a favor do divórcio, as quais, por conseguinte, não devem ter-se em conta alguma.

A SEPARAÇÃO

De resto, as objeções que com aquêle triplíce fundamento se apresentam contra a firmeza do vínculo são de fácil refutação.

De fato, os danos apontados podem ser impedidos e os perigos removidos, se em tais circunstâncias externas se permitir a separação imperfeita dos cônjuges, isto é, perma-

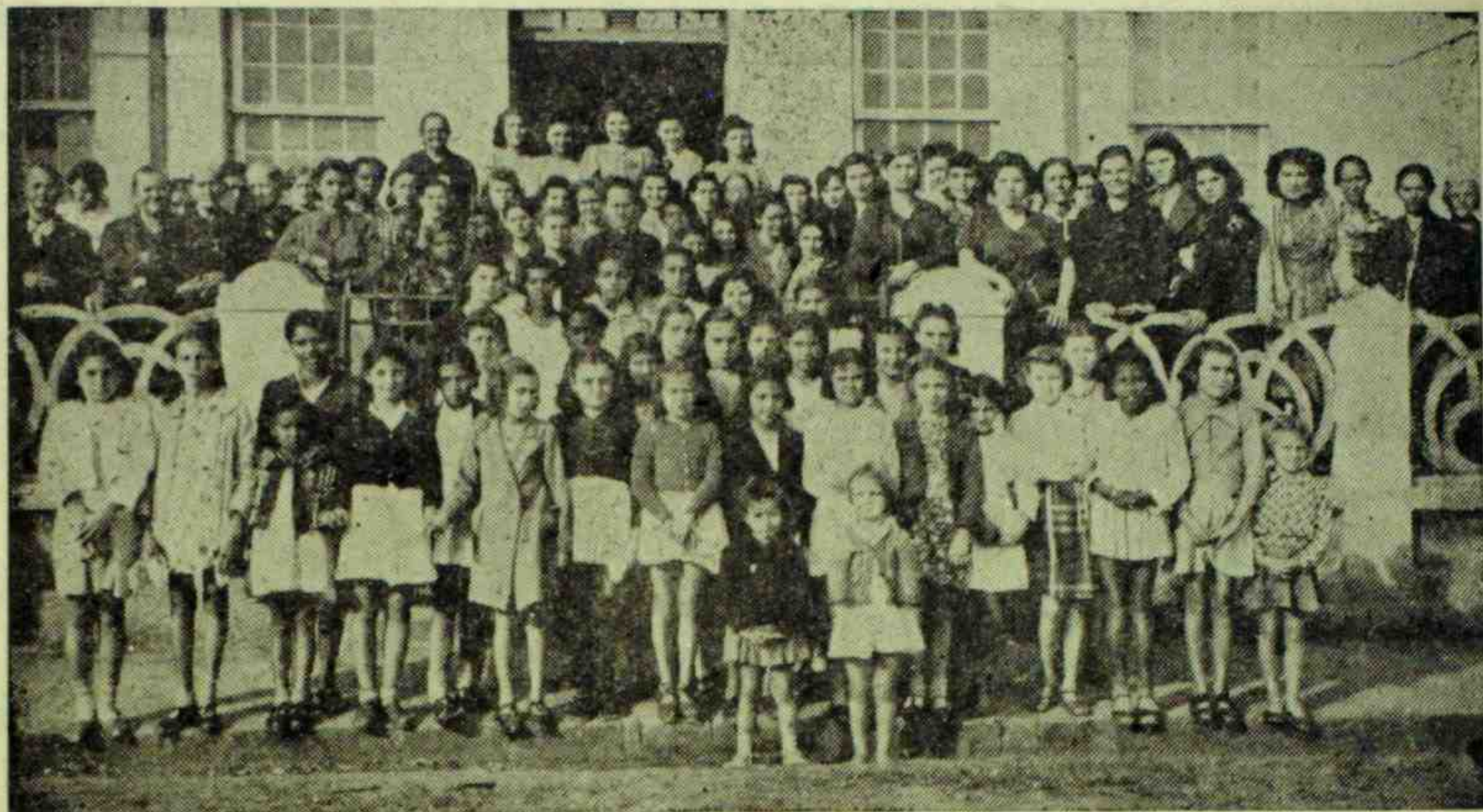
necendo incólume e íntegro o vínculo, separação essa que a própria lei da Igreja concede pelas palavras dos cânones que tratam da separação do tálamo, da mesa e da habitação (*Cod. Jur. Can.*, cc. 1128 e segs.). Compete às leis sacras e em parte pelo menos também às civis, no que se refere às coisas e aos efeitos civis, fixar as causas de tal separação, as condições, a forma e os cuidados com que se deve prover à educação dos filhos e à incolumidade da família, e remover, na medida do possível, todos os danos derivados para os cônjuges, para a prole e para a própria comunidade civil.

Todos os argumentos, pois, que costumam apresentar, e a que acima Nos referimos, para demonstrar a indissolubilidade do matrimônio, servem evidentemente, e com igual força, não só para excluir a necessidade e a faculdade dos divórcios, mas também para negar o poder de os conceder a qualquer magistrado.

A todas as vantagens que se podem enumerar a favor da indissolubilidade, correspondem outros tantos danos do divórcio, perniciosíssimos não só aos individuos como a toda a sociedade humana.

MULTIDÃO DE INCONVENIENTES

E, para Nos servirmos novamente da doutrina do nosso Predecessor, quasi não é necessário observar que, assim como é grande a abundância de benefícios que em si contém a firmeza indissolúvel do matrimônio, assim também é grande a multidão dos inconvenientes que os divórcios trazem consigo. Dum lado, com a firmeza do vínculo, os matrimônios são absolutamente seguros; por outro, ao contrário, com a possibilidade e até probabilidade do divórcio, o laço nupcial torna-se inconsistente, ou, pelo menos, objeto de ansiedade e suspeitas. Por um lado, fica admiravelmente consolidadas a mútua benevolência e comunhão dos bens, por outro, fica deploravelmente enfraquecida, se se admitir a faculdade de separação. Dum lado, fortes proteções à fidelidade dos cônjuges, por outro, perniciosos incitamentos à infidelidade. Por um lado, eficazmente promovida a procriação, a proteção e educação da prole, pelo outro, sempre expostas aos mais graves prejuizos. Por um lado, estancada a múltiplice oportunidade de discórdias entre as famílias e os parentes, pelo outro, oferecidas ocasiões mais freqüentes a estas discórdias. Por um lado, mais facilmente suprimidos os gêneros de dissensões, pelo outro, mais copiosa e largamente espalhados. Por um lado, principalmente reintegrada e felizmente restaurada a dignidade e a missão da mulher na família e na sociedade, pelo outro, indignamente rebaixada, exposta como está a espôsa ao perigo



PÓRTO FERREIRA (Diocese de Campinas). — Comunhão Geral das Senhoras, sob a direção do Revmo. P. Germano Prado.

de "ser abandonada depois de ter servido à paixão do homem". (Leão XIII, Encíclica *Arcanum*, 10 Fev. 1880.)

AMEAÇA SOCIAL

E visto que, para destruir as famílias — concluindo com as gravíssimas palavras de Leão XIII — "e abater o poderio dos reinos, nada tem maior fôrça do que a corrupção dos costumes, facilmente se percebe que os divórcios são os maiores inimigos da prosperidade das famílias e das nações, visto nascerem de costumes depravados dos povos e fomentarem, como o atesta a experiência, uma sempre maior corrupção da vida privada e pública. Se considerarmos que não haverá freio possível para conter dentro de certos e preestabelecidos limites a liberdade, uma vez concedida, dos divórcios, todos êsses males se nos patentearão com muito maior gravidade. É grande a fôrça dos exemplos, mas é maior a das paixões, e devido a tais incitamentos acontecerá certamente que o desenfreado desejo dos divórcios, serpeando cada vez mais, invada o espírito de muitíssimos, à maneira de morbo que se espalha pelo contágio ou como torrente que, uma vez quebrados os diques, se despenha". (Encicl. *Arcanum*, 10 Fev. 1880.) Pelo que, como se lê na mesma Encíclica, a não ser que mudem as opiniões, as famílias e a sociedade humana devem estar sempre receiosas de serem envolvidas no turbilhão e na desordem geral. (Encicl. *Arcanum*, 10 Fev. 1880.) Ora, a corrupção diariamente crescente e a incrível depravação da família nas regiões absolutamente dominadas pelo comunismo, demonstram à saciedade com quanta verdade tudo isto tenha sido anunciado ha 5 anos."

Finalizando, repitamos com o inesquecível D. Duarte, em um de seus comentários à "Concordância dos Santos Evangelhos":

"A-pesar dos inauditos esforços da impiedade para implantar, nas legislações modernas, êsse elemento terrível de dissolução, temos esperança de que êle não ha de vingar na Terra de Santa Cruz."

* A imagem de Deus se reflete em uma alma pura, como o sol sôbre a água. — (Cura D'Ars.)

O SANTO DA SEMANA

DEZEMBRO

- Dia 13 — III.º Domingo do Advento; Santo Orestes; Santa Luzia.
- Dia 14 — São Dióscoro; Santo Agnelo; São Bertoldo; Santa Otilia.
- Dia 15 — São Lúcio; São Valeriano; Santa Cristina.
- Dia 16 — Santo Eusébio; Santa Albina; Santa Adelaide.
- Dia 17 — Santo Lázaro; São Floriano; Santa Iolanda.
- Dia 18 — Nossa Senhora do Parto; São Graciano; Santa Judite.
- Dia 19 — São Timóteo; São Paulito; Santa Fausta; Santa Gerberta.

Meu Cantinho

A Fifi e o Fefe

— Entre Dona Mariucha.

— Demoro-me pouco... tenho pressa. Uma visita de médico, Dona Gabriela...

— Ora para que tanta pressa? Vamos...

Salão. A família reunida. E... conversa vai, conversa vem, não faltava assunto. Guerra, modas, futebol, Jôquei, e... a vida alheia... Dona Mariucha porém sempre inquieta, apreensiva.

— Preciso me retirar, desculpem-me, a prosa está tão boa...

Todos: — É cedo, a senhora não vai...

— Espere o café.

— Não posso D. Gabriela. Estou aflita. Deixei minha Fifi, sózinha com a criada, e ela está hoje exquisita...

Não sei o que tem. Estava tristezinha. Não quis comer, nem um pedacinho de carne...

— Ora, mas sua filhinha não vai piorar...

— Filhinha... sim, é minha filhinha... a minha Fifi. Só si a senhora visse, que gracinha! Está um amor...

Eu a lavo todos os dias com sabonete Reuter ou Aristolino, penteio-a toda, ponho-lhe talco Ross violeta, deixo-a na caminha. Tem uma caminha que é uma tetéia. Mandei-a fazer à propósito. Gastei dinheiro, porque a senhora sabe, estes marcineiros de hoje...

— Ó, é horrível! Não fazem o que a gente quer... são uns artistas da roça...

Pois é. Mandei fazer a caminha da Fifi no Liceu de Artes e Ofícios. Ficou linda... é um berço de fadas!... Arrumei tudo em seda... tem cortinados finíssimos.

Adoro a minha Fifi!

— E está doentinha agora?

— Pois é... amanheceu tão tristezinha... ai! tenho o coração apertado de dor... Até já chorei hoje de manhã... chorei mesmo...

— Pois é... filho dá trabalho...

— Mas eu detesto filho...

— Como assim?!

— Detesto. É um trambolho. Quando me casei uma das condições foi esta — nada de filhos! Então vou agora virar galinha choca, e amimar criança, aguentar choro de criança?!... Deus me livre! E demais, filho é um trambolho, D. Gabriela, uma peste! Tira a liberdade da gente. Não se pode assistir socgada a um baile, dar um passeio, fazer uma estação de águas... Chii!...

Não quero saber de filhos...

— Dona Mariucha não parece ser a mãe carinhosa que está se revelando aqui. A senhora já vai se retirar tão depressa, tão rapidamente por que? Não é por causa da Fifi que deixou no berço? Então por que diz que detesta filhos? Pois não parece ser a mais carinhosa e terna das mães... Está se contradizendo...

— A senhora se refere a minha Fifi?

— Sim, a Fifi... pois não é sua filhinha?

— É mais do que filha, D. Gabriela... é meu amor... é meu encanto na vida...

— Pois então...

— E não tem filho?

— Não.

— Que mistério...

— Nada de mistério...

Pois então a senhora não sabe, os senhores todos desta sala não sabem quem é a minha Fifi? Nunca ouviram falar na Fifi?!... Admiro-me. Pois ela tirou o primeiro prêmio no Concurso deste ano na Exposição...

— No Concurso de robustez infantil?

— Nada disso. Ora... Não conhecem a Fifi... a Fifi é aquela cachorrinha de veludo preto, aquele encanto da Exposição canina deste ano... É minha... é a minha Fifi...

Houve um arregalar de olhos no salão... Ninguém sabia si era para rir... ou chorar naquele instante...

E D. Mariucha se despede... vai aflita beijar o focinho da sua cadelinha enferma... da sua Fifi adorável...

Coisas do século da criança! Ou melhor: ironias do século da criança!

O FEFEU

Menino bonito. Dezoito anos. Alto, magro, olheiras roxas. Fuma como chaminé. Sempre irônico. Não leva a sério coisa alguma.

Filho único. Amimado e idolatrado. O rei da casa. No Palacete é o terror dos criados. Caprichoso, voluntarioso, irritadiço.

— Mamãe!

— Que é Fefe!

— Você já sabe que não vou mais ao Ginásio...

— Meu filho, não faça isso... Complete o curso... Você é tão inteligente...

— Já disse que não e não. Você já me conhece! Não estou para aguentar a besta daquele Diretor... Teve o topete de me chamar à ordem e me repreender em classe... Desaforo, nunca suportei...

— Como foi meu filho?

— Por uma brincadeira minha na classe, uma troça de rapazes... sou repreendido em público... É demais!

— E que fez você?

— O professor me chama, obriga-me a dar a lição e lhe disse que fosse plantar batatas... assim, rindo, como falo com vocês aqui em casa... Foi uma tempestade! O zebra do lente ficou todo formalizado... chama o Diretor... um barulhão...

Não volto mais àquela bagunça. E demais eu já aguentei muito, mamãe, só porque vocês aqui vivem me aborrecendo e martelando dia

e noite: — é preciso estudar... estudar. Ora, pilulas!

Estudar prá quê? Eu lá preciso ganhar a vida? Vocês não têm com que me garantir?

Estou cansado. Preciso gozar a vida...

— Meu filho tenha juízo...

— Ora, juízo... juízo... e hei de continuar a aguentar desaforo!

— Isto não. Teu pai vai tirar satisfações daquele atrevidão no ginásio...

Entra o papai que ouvira tudo do hall.

— Pois você, meu Fefeu não voltará mais ao ginásio...

— Bravo, papai, você me compreende.

E o Fefeu nunca mais estudou. Lia romances e que romances!

Tinha uma biblioteca escabrosa...

Nada lhe faltava.. Dinheiro bastante, lancha e baratinha.

A mamãe e o papai viviam para êle: — o Fefeu, único filho, êle só na terra... Para que mais filhos?!

E faziam-lhe as vontadezinhas caprichosas... Si o Fefeu quisesse um pedaço da lua, o papai e a mamãe faziam o impossível para o satisfazer.

E o menino sempre nervoso, excitado, irritadiço, malcriadíssimo...

Ai! do criado infeliz que lhe desse uma resposta!

Chegava pela madrugada em casa. Bailes, cinemas, jogatina em Casinos, cabarets elegantes, praias, conquistas que lhe custavam dinheiro e... pouca vergonha!

A mamãe sabe tudo. O papai sorri — coisas de rapaz! É a mocidade, minha velha!

— Mas é preciso não fazer tanto as vontades do Fefeu. É demais! suspira de vez em quando a mamãe alarmada...

E o Fefeu continua as suas loucuras...

Agora... ether, cocaina e wisky...

E o moço bonito e magro, de olheiras roxas, vai definhando...

O tédio da vida. Dão-lhe automóveis, passeios, conforto e luxo... Nada... sempre irritado e nervoso, sempre grosseirão e insuportável...

— Que faremos de nosso filho?

— Está insuportável... quasi me espanca...

— Nervoso, coitadinho... É a cõcaina... e aqueles romances e aqueles companheiros...

— Vamos corrigi-lo... sejamos severos...

— É tarde, minha velha, é muito tarde!...

E o papai e a mamãe narravam o Calvário da vida que iam levando pelos caprichos e loucuras do seu único filho, o seu enfant gaté, o adorado Fefeu...

Um estampido sêco...

— Que isto, meu Deus!!!

Abrem um quarto.

O Fefeu sem miolos. Um tiro ao ouvido. O tédio da vida, o horror de ter gozado demais a vida...

E desesperados abraçam-se o papai e a mamãe num choro convulso.

— Meu filho, único! único filho! Fomos culpados! Fomos culpados!

E a mãe: — preferia dez filhos, vinte filhos a um filho único que me encheu a vida de amarguras e morre neste estado para meu desespero!

Meu Fefeu! meu Fefeu, meu filho único!

Dez filhos, vinte filhos, seriam nossa alegria. Um filho único faz nossa desgraça!

Nem todo Fefeu acaba assim de modo trágico... Mas ai! há muito Fefeu por êste mundo afora... muito papai e muita mãezinha com seu único filho porque não querem trambo-lhos de filhos, penca de filhos...

Mamãezinhas chics, mamãezinhas de um filhinho... um só! Um Fefeu e... uma Fifi!

P. Ascânio Brandão



* Uma alma luminosa, ilumina as outras almas. — (A. Becker.)



Nossos defuntos

RVMO. P. LUIS SORIANO

Confortado com os Santos Sacramentos, faleceu nesta cidade o Revmo. P. Luis Soriano, na idade de 67 anos.

Exerceu o apostolado, como Vigário, em diversas Paróquias da Diocese de Campinas e da Arquidiocese de São Paulo.

Ultimamente, desempenhava o cargo de Vigário na nova Paróquia de Santa Margarida, nesta cidade. A construção da nova Matriz em que funcionava se deve exclusivamente aos seus esforços.

AVE MARIA apresenta sentidos pêsames à família enlutada.

FALECERAM MAIS, NA PAZ DO SENHOR, em:

TRIUNFO — Sr. Pedro Antônio Severo.

TAQUARÍ — D. Darcí Vilanova.

ESTRELA — D. Paula Ruschel. — Sr. Henrique Senger.

BOTUCATÚ — D. Ana S. M. Pinhão.

As exmas. famílias enlutadas, nossos pêsames.

Esta Administração mandou celebrar os sulfrágios a que tinham direito.

Leitor, queres auxiliar a obra dos Missionários? Reune selos usados, nacionais e estrangeiros, e envia-os ao Diretor do C. F. M. — Curitiba — Caixa Postal, 153.



* **O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA** assinou decretos concedendo reconhecimento aos cursos de bacharelato da Faculdade Católica de Direito do Distrito Federal e aos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia, mantidos pela Faculdade Católica de Filosofia do Distrito Federal.

* **NOTÍCIAS PROCEDENTES DO MUNICÍPIO DE VALENÇA**, no Estado da Bahia, adiantam que na ocasião em que se procediam às sondagens para a localização da base da ponte de concreto que será erguida ali, os engenheiros atingiram, provavelmente um lençol petrolífero. De furos com apenas oito metros de profundidade, emanavam fortes gases de petróleo, provocando a aproximação da chama, labaredas de trinta centímetros. Os indícios levam a crer que o petróleo será encontrado, se as perfurações forem mais profundas.

* **ENCONTRAM-SE NA CAPITAL FEDERAL** os srs. Avelino Potel Alvaro Cunha e Domingos José Martins, inventores de uma forma de emprêgo do álcool baixo, a que deram o nome de "Portelgas". Depois de várias experiências com êxito, em São Paulo, o "Portelgas" foi trazido para o Rio e aqui experimentado pelo volante Teffé e pelo engenheiro Tavora Filho, fazendo o circuito da Gávea, subindo ao Corcovado, ao Alto da Boa Vista, etc. Seus inventores conseguiram agora que o "Portelgas" fosse experimentado num carro de assalto da Escola de Motomecanização do Exército, o qual fez um percurso de 2.400 metros em pista apropriada, com todos os obstáculos, gastando apenas três litros de essência. Terminada a experiência, os oficiais que assistiram declararam que a mesma dera resultados satisfatórios, pois que os carros só trabalham com gasolina de aviação e com "Portelgas" deu resultados idênticos. Antes de se retirarem os inventores do "Portelgas" entregaram à Escola de Motomecanização 30 litros do carburante 100 por cento brasileiro, para serem usados hoje e amanhã em outras provas, e examinada a sua fórmula no laboratório, pelos técnicos militares, a-fim-de que sejam dadas aos inventores os resultados oficiais da experiência.

* **O CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO** acaba de receber notícias da Bahia comunicando que entre os poços que estão sendo atualmente perfurados, naquele Estado, dois acabam de se revelar bons produtores de óleo. Um dos novos poços está situado em Itaparica e o outro em Candeias.

* **O GOVERNADOR BENEDITO VALDARES** baixou decreto, que contém o orçamento do Estado para 1943. A despesa é fixada em Cr. \$406.047.768,50. A receita para o mesmo exercício é orçada em Cr. \$406.310.000,00. O orçamento estadual para 1943 prevê um "superavit" de Cr. \$262.231,50.

* **O GENERAL EURICO DUTRA**, ministro da Guerra, baixou o seguinte importante

aviso: — "Deve ser considerado de incorporação adiada o reservista convocado: a) que tiver irmão já incorporado; b) que for casado, mantendo esposa, ou que tiver filhos por ele sustentado, desde que não seja funcionário público, interino, em estado probatório, efetivo ou em comissão, ou extra-numerário de qualquer modalidade, da União, dos Estados, dos Territórios, dos Municípios e da Prefeitura do Distrito Federal.

* **INFORMA-SE DO SALVADOR** que, procedente de Una, acham-se em Ilheus os técnicos norte-americanos, representantes de organizações dos EE. UU. os quais visitaram as plantações de seringueiros, consideradas iguais ou melhores do que as do Acre. Espera-se que a produção da borracha venha a ser uma fonte de riqueza para o Estado. Os técnicos yankees estão bem impressionados com a hevea balana que, ademais, está localizada em local acessível.

* **A EXEMPLO DO QUE ESTÁ FAZENDO A DIVISÃO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL**, do Ministério da Agricultura, nos vales do Jaguaribe e Assú, respectivamente, no Ceará e no Rio Grande do Norte, ora submetidos a importantes trabalhos de irrigação, com esplêndidos resultados, a Comissão Brasileiro-Americana de Gêneros Alimentícios vai intensificar esse serviço por todos os vales secos do nordeste. Trata-se de uma medida de primeira ordem e cujo alcance é bem de se avaliar, dado o problema que o assunto comporta. Terras férteis, duma prodigiosa capacidade de produção, permanecem incultas, sem proveito, pela inconstância das chuvas naquela área. Somente com a irrigação será possível tirar dali o tesouro que elas escondem, transformando-as, em futuro próximo, em campos de cultura, para uma produção variada. O agricultor, que antes não acreditava na força da sua nesga de terra, que vivia assombrado com o fantasma das secas nas quebradas vizinhas, vai ficar entusiasmado com essa providência da Comissão, de tal modo, que vai em seu auxílio, recuperando-lhe as energias e esperanças.

* **EM ENTREVISTA QUE CONCEDEU A UM VESPERTINO**, declarou o sr. Américo Giannetti que serão montadas, em Ouro Preto, duas fábricas, uma de "lumina" e outra de alumínio metálico. A primeira terá uma capacidade de produção de 10 a 12 mil toneladas anuais, permitindo que a produção de alumínio metálico se eleve até 5 ou 6 mil toneladas, de vez que são precisas duas toneladas de "lumina" para se obter uma de alumínio metálico, cuja produção inicial será de 2 mil toneladas por ano, ou seja, 20 por cento a mais do consumo normal do mercado interno brasileiro. Depois de salientar a visita da Missão Americana às minas de Ouro Preto, concluiu dizendo que espera que toda a maquinaria destinada à fabricação esteja em Ouro Preto até abril de 1943 e que, isto verificado, "começaremos a produzir alumínio em outubro do mesmo ano".



No quarto fúnebre

NAQUELE aposento de pensionista reina a balbúrdia da hora final, pois o homem não nasce nem morre sem dar trabalho.

Como o Estado Maior na véspera da derrota, reunira a junta médica. E cada um notara nos esculápios aquêlê ar sisudo, imposto pelos casos sem cura, pois impressiona sempre as famílias a solene concentração científica, quando reforçada com cicios misteriosos, evocadores do murmúrio dos ciprestes.

Saidos os doutores, a mágoa tomou conta da assistência. Senhoras e moças soluçavam sem respeito humano. Mais estóicos, os homens procuravam recalcar as lágrimas, que tendiam a emperolar-lhes os cílios. E todos, com expressão mortiça, contemplavam a moribunda que o palor da morte próxima tingia de cor cêrea.

Carregadas de frasquinhos, empolas e agulhas, irmãs andam atarefadas com as últimas injeções. Outras, ajoelhadas aqui e ali, rezam piedosamente o terço.

Hora triste da despedida!!

De vez em quando a superiora, sempre enérgica nestas circunstâncias, trata de confortar, com pensamentos cristãos, aquela gente atribulada que, inferior em resignação ao santo homem Jó, acusa os céus de crueldade por tirar dêste mundo na flôr da existência, uma filha ou irmã querida.

As primas e amiguinhas formam um grupo elegiaco, de atitudes um pouco estudadas, porque o pranto torna mais interessante a donzela de olhos rubros, voz flebil, faces desmaiadas e cabelos em desalinho.

Recostada numa ruma de travesseiros bem alvos, a doente arqueja penosamente, apesar da solicitude com que a religiosa lhe abana o rosto convulso, em cuja lividez sobresaem as pupilas brilhantes dilatadas pela agonia.

Face ao espelho, se não tivesse os olhos embaciados por neblinas mortais, a pobrezinha ver-se-ia literalmente morrer.

Chamado nas últimas para não assustar a enferma — aliás espantada por tantos médicos, tantos parentes e tanto choro — o sacerdote dera uma absolvição e uma unção apressadas, em obediência à família. E fôra embora acabrunhado pela tacanhice que julga os sacramentos capazes de precipitarem um desfecho visivelmente próximo.

Num derradeiro soluço, a moça exalou o último sopro vital.

Rescrudesceu a crise de prantos, ais e queixumes. Das desoladas umas torciam as mãos, na atitude clássica do desespero; outras afundavam o corpo numa poltrona, que parecia adrede preparada. Estas procuravam um ombro amigo para languidamente encostar a

fronte; aquelas ululavam fracamente, num prelúdio ao ataque de grande estilo.

Nenhuma teve a lembrança de imitar as freiras que, fechados os olhos e amarrado o queixo da morta, haviam ficado ajoelhadas, para acompanhar com preces a viagem da alma.

Com cinco ou seis minutos amainou o temporal lutuoso. Pararam as crises, aos poucos. Foram diminuindo de tom os gritos. Estancaram paulatinamente as lágrimas. E sôbre as águas mais calmas começou a flutuar a noção das cousas.

Ri quando pode a mulher
Que chora quando quer.

Em redor do cadáver reinou o silêncio, apenas interrompido pelos reboliços das irmãs a darem providências urgentes. De vez em quando fazia-se ouvir, mui timidamente, um suspiro ou uma fungadela que, aliás, não destoava da gravidade da hora.

Eis senão quando, neste ambiente de recolhimento e tristeza, furou os ares uma voz aflautada a dizer:

— Tens tua caixinha de pó de arroz? Esqueci a minha.

Virou-se com espanto a assistência!

Enquanto as religiosas, auxiliadas por duas ou três senhoras, ageitavam a cama fúnebre, um grupo de moças formara diante do espelho, com uma afobação de atrizes que se preparam para surgir sôbre o palco.

Costas voltadas para a amiguinha morta, acotovelavam-se na disputa de um lugar diante do **conselheiro das graças**. E haja chumaçar as pálpebras, empoar o rosto, avermelhar os beiços e endireitar os cabelos! Se não fosse profundamente triste, cómica seria a azafama com que as vaidosas ensaiavam, de face ou de perfil, uma série de jogos fisionómicos, afim de verificar se os enfeites estavam como deviam estar.

— Luto de mulher morta até a porta.

O esposo tem dó da cónjuge falecida, até que o corpo desta transponha o limiar da casa. Nem sequer saiu do aposento da dor das moças pela amiguinha falecida. A saudade das elegantes, se saudade houvera, morrerá ali mesmo, ao pé da cama onde jazia o cadáver ainda quente.

Estava satisfeita a etiqueta!

A família não podia ter queixas, uma vez que houvera tributo de choradeiras, gritarias, ataques simulados e consultas ao espelho, por parte das coleguinhas que tanto estimavam a finada. Faltara apenas o tributo de um Padre Nosso ou de uma Ave Maria.

P. Dubois

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (53)



Quando raiou o dia o corpo do facinoroso havia encontrado descanso e amparo no campo santo da localidade, em cuja igreja celebrava-se uma missa de "Requiem", em grave silêncio e com profunda devoção.

A igreja estava deserta; não se via nela ninguém mais além de Fernando, êsse nobre e belo moço, ajoelhado junto ao púlpito, em fervoroso recolhimento.

CAPITULO XVIII

Um mês após os acontecimentos que acabamos de narrar, a casa da Assistente havia mudado de aspecto. Não era já aquela vivenda aprazível e risonha, cuja atmosfera parecia ser côr de rosa e dar as boas vindas com a cordialidade com que o fazia sua ama. Reinava nela um negro silêncio; viam-se só rostos inquietos e aflitos; suas portas estavam abertas de par em par. Junto à cancela do pateo, achava-se colocada uma mesa, com tinteiro e penas; ao lado dêstes, via-se uma lista coberta de nomes, de inumeras pessoas que chegavam a cada instante para se informarem do estado da doente. Estava a lista encabeçada com estas palavras: "A enferma continua na maior gravidade."

Na alcova da Assistente reinava uma quasi obscuridade. Entre as cortinas de damasco que pendiam do massiço docel da cama, jazia a velha senhora, a única na casa que havia conservado sua serenidade no perigo que corria. A um lado da cama, estava Elia; ao outro lado, Maria; ao pé do leito estava D. Benigno. Seis dias já haviam passado sem que nenhuma destas três pessoas se movesse de seu lugar, nem tomasse outro alimento além de caldos, que Pedro lhes obrigava a tomar, fazendo-lhes ver serem necessárias suas fôrças para a assistência à enfôrma. Ninguém falava, ninguém chorava, nem quasi se atrevia a respirar; suas vidas pareciam estar suspensas.

No quarto contíguo, cinco facultativos conferenciavam.

Fernando, debruçado sôbre uma mesa, os escutava, pálido porém sereno. Pedro, trêmulo e com o semblante transtornado, mantinha-se de pé, junto à porta.

— Senhor marquês — disse o médico assistente, dirigindo-se a Fernando —, é inútil oculta-lo: não ha mais esperança! Depois que a senhora sua tia voltou do campo, o mal tem feito rápido progresso; augmentou sua prostração um desânimo profundo, produzido talvez pelo pressentimento de seu próximo fim: é preciso que se disponha.

Fernando inclinou a cabeça, em sinal de ter ouvido. Em seguida, dirigindo-se a Pedro, ordenou:

— Avise o confessor da senhora.

Pedro saiu, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

Instantes após, Fernando escreveu, sôbre um papel timbrado, estas palavras, que enviou, por um criado, à marquesa:

"Mamãe: nossa tia vai receber os últimos Sacramentos. — Fernando."

Prontamente chegou o confessor, que entrou, com o jovem marquês, no quarto da enfôrma. Esta não se surpreendeu ao ver o sacerdote, pois tinha êle vindo com frequência, no decurso de sua enfermidade, tendo ela mesma manifestado o desejo de se confessar.

— Como vos achais, senhora? — lhe disse o confessor.

— Bem — respondeu esta, entreabrindo seus apagados olhos.

— Tendes, todavia, alguma coisa a dizer-me? — prosseguiu o sacerdote.

— Nada — respondeu a senhora —, Minhas disposições temporais estão feitas; desejaria, si me achais digna, receber os últimos Sacramentos.

— Ser-me-á grato — afirmou o confessor — administrar-vos essas fontes de graça e consôlo.

Um profundo gemido brotou do peito de Elia.

— Pobre filha minha! — disse a Assistente, procurando olha-la.

Fernando quis afasta-la, porém ella firmou-se com fôrça no pilar da cama.

— Deixa-a, meu filho — disse a Assistente, que o notou. — É tão agradável para mim vê-la a meu lado!

(Continua)

REGINA



(É proibida a reprodução desta página)

Os grãos de trigo



Ha muitos anos passados, existiu, num longinquo pais, um formoso principe, senhor de muitas terras e fabulosos tesouros.

Seus castelos magnificos, guardavam preciosas raridades e arcas abarrotadas de ouro e pedrarias. Suas vestes, tecidas por habéis tecelões, eram do mais puro linho e das mais vistosas sedas do Oriente.

E quando êle passava soberbo e opulento, na sua carruagem doirada, todos corriam para vê-lo, e invejando tanta sorte, diziam suspirando:

— Como êle deve ser feliz!... Como êle deve ser feliz!...

No entanto, não havia no pais, quem se sentisse mais desgraçado. Sem que ninguém conhecesse a causa, uma estranha tristeza corroia o coração do jovem principe.

E seus amigos se afligiam:

— Que faltará ao nosso principe, para que êle seja feliz?

O principe, consultou seus conselheiros, e depois de muito pensar, mandou arautos correr as terras dos seus dominios, proclamando em altas vozes que receberia um grande prêmio, aquele que acertasse com a causa de tão grande tristeza.

Certo dia, apareceu no palácio, um pobre velhinho.

— Senhor, disse êle, já tenho vivido muito, e corrido muitas terras. Não tenho grandes conhecimentos, no entanto aqui estou para ajudá-lo! Trouxe comigo esta caixa. Dentro dela estão guardados pequeninos grãos de trigo. São grãos encantados. Quem os semear, no dia em que colher as suas espigas, e as distribuir pelos pobres da cidade, terá encontrado a felicidade!

O principe, guardou os grãos preciosos, e desde então, levantava-se ao amanhecer, e acompanhado de sua comitiva, colocava, êle

mesmo, os grãos na terra que os escravos abriam.

E os dias passavam ligeiros, e os primeiros grãos germinados, começaram medrosos a aparecer, brotando da terra. Vendo o fruto do seu trabalho, o principe começou a se sentir feliz, e quando um dia, as espigas amadureceram, e se tornaram doiradas como o sol, ordenou a colheita que foi farta, e distribuida entre os pobres da cidade.

Então, o principe, mandou chamar o velhinho à sua presença:

— Quero mais daqueles grãos, bom homem. Quero assegurar a minha felicidade, e ser sempre tão feliz como o sou agora!

— Senhor: disse o velhinho suspirando. É forçoso que o diga! Aqueles grãos nada mais eram do que simples grãos de trigo... Quis apenas lhe ensinar que o trabalho e a caridade, são fontes inesgotáveis de alegria!

O principe elogiou tanta sabedoria e bom senso, e aproveitando a lição, foi desde então, o mais venturoso e feliz de todos os principes do seu tempo!

Regina Melillo de Souza



PARA VOCÊ ADIVINHAR...



“Meu peixinho feiticeiro
Sáia depressa do rio
Que eu lhe dou algum dinheiro
Si você achar meu tio!”



A INTELIGÊNCIA DOS CÃES...

— Pode haver cães mais inteligentes que os donos?...

— São raros, são, mas ha: eu tenho um...



Fábrica de Présepios de Terra Cota

Pedro Formagio

BUA GUAIAUNA, 230
(Fim da Avenida Celso Garcia)
SÃO PAULO

Peça lista de preços

DR. J. DE CAMARGO BARROS
MOLÉSTIAS INTERNAS

Consultório:

R. Barão de Itapetininga, 50
Sala 320 — Das 16 às 18 hs.
Tel. 4-7357

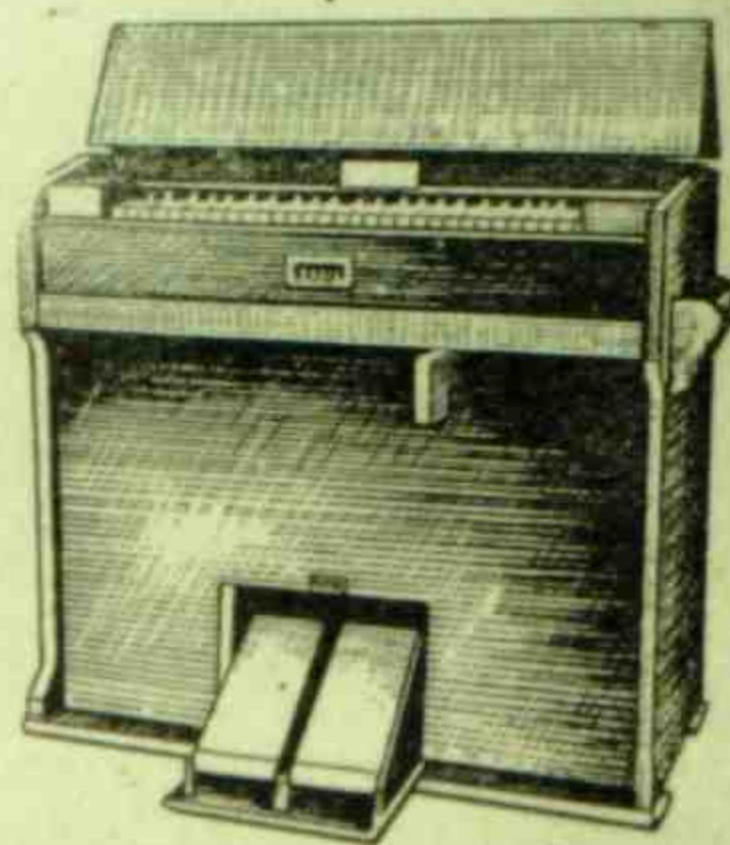
Discos Sacros

Autorizados pelo Vaticano, apresentamos, com exclusividade, solos, grandes coros, conjuntos sinfônicos e organistas da basílica de São Pedro.

Harmoniuns e Pianos

Métodos e Músicas com descontos especiais para colégios.

Vendas com facilidade de pagamento. Peçam catalogos.



Casa Manon

Rua Boa Vista, 162 - Caixa Postal, 568 - São Paulo

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
A
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL
VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

"CALOREX", VIDRO QUE INTERCEPTA
80 % DO CALOR

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Exmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

Usado ha mais de 10 anos na Catedral Metropolitana de Pôrto Alegre.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Séde em PÔRTO ALEGRE:

Rua da Conceição n.º 422
Caixa Postal, 514
End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

ARROZINA

DEPOSITARIOS
E FABRICANTES
PEDRO BALDASSARI
& IRMÃOS
RUA MARQUES DA SILVA, 104
SÃO PAULO

*Alimento
ideal para crianças*

O delicioso
creme de
cereais

ARROZINA

Cria ós bebês
robustos

ARROZINA

Dá saude e
beleza aos
bebês

ARROZINA

Engorda e
nutre os
bebês

Hemorroidas

TRATAMENTO SEM
OPERAÇÃO

DR. CESAR GIRARD JACOB

Da Santa Casa — Clinica especializada das doenças do aparelho digestivo — Colites — Prisão de Ventre — Fistulas — Fissuras — etc.

R. 7 DE ABRIL, 176 - 3.º and.
Telefs.: 4-7033 e 7-2449

— PEÇA AMOSTRA GRATIS A CAIXA POSTAL, 847 —